

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

JESSICA LUANA KUCHAR

**A REPRESENTAÇÃO PÓS-COLONIALISTA DA IMAGEM FEMININA
AFRO-AMERICANA EM *AMADA*, DE TONI MORRISON**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2019

JESSICA LUANA KUCHAR

**A REPRESENTAÇÃO PÓS-COLONIALISTA DA IMAGEM FEMININA
AFRO-AMERICANA EM *AMADA*, DE TONI MORRISON**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Literatura Americana.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Jessica Luana Kuchar.**

Título: **A representatividade da figura feminina norte-americana em "Beloved", de Toni Morrison.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 03 / 12 / 19, pela comissão julgadora:

Prof. Dr^a. Mariese Ribas Stankiewicz- UTFPR Pato Branco
Banca

Prof. Dr^a. Camila Paula Camilotti- UTFPR Pato Branco

Prof. Dr^a. Mirian Ruffini- UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

RM
Rosângela Aparecida Marquezi
SIAPE 639342
Coordenadora do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

*“... chegar a um lugar onde você pode amar
qualquer coisa que quisesse – sem precisar de
permissão para desejar –, bom, ora, isso era
liberdade.”*

Toni Morrison
Beloved

RESUMO

KUCHAR, Jessica Luana. **A Representação Pós-Colonialista da Imagem Feminina Afro-Americana em *Amada*, de Toni Morrison**. 2019. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é explicar a respeito das marcas identitárias presente na representatividade Pós-colonial da imagem feminina norte-americana em *Amada*, de Toni Morrison (2007). A memória e a resistência são eixos chaves para a compreensão desta rica obra e, para que fosse possível estruturar uma análise consistente, a pesquisa foi ancorada por teorias Pós-coloniais, tais como a de Stuart Hall (1997) (2019), a de Homi Bhabha (1994) e a de Thomas Bonnici (2005), e, também por teorias feministas, com os textos de Chimamanda Ngozi Adichie (2015) e bell hooks (1997). Também foram importantes as argumentações críticas de Sandra Regina Goulart Almeida (2013, Vivan Nickel (2009) e Wellington Neves Vieira (2014). Deste modo, fez-se possível compreender a real condição da mulher negra duplamente subordinada diante o regime patriarcal.

Palavras-Chave: Escravidão; Pós-colonialismo; Feminismo; Opressão; Resistência.

ABSTRACT

KUCHAR, Jessica Luana. **Postcolonial Representation of Feminine African-American Image in *Beloved*, by Toni Morrison**. 2019. 42 p. Concluding Course Paper – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

The main objective of this Conclusion Course Paper is to explain about the identity marks present in the Postcolonial representativeness of the American female image in *Amada*, by Toni Morrison (2007). Memory and resistance are key axes for understanding this rich work and, in order to structure a consistent analysis, the research was anchored by Postcolonial theoreticians, such as Stuart Hall (1997) (2019), Homi Bhabha (1994), and Thomas Bonnici (2005), and also by feminist theories, with the texts of Chimamanda Ngozi Adichie's (2015) and bell hooks's (1997). Also, the critical arguments of Sandra Regina Goulart Almeida's (2013), Vivian Nickel's (2009), and Wellington Neves Vieira's (2014) were very important. Thus, it was possible to understand the real condition of the double subordinate black woman before patriarchal regime.

Keywords: Slavery; Post-Colonialism; Feminism; Oppression; Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – TONI MORRISON E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA AFRO-AMERICANA	12
1.1 A Autora e a Importância de sua Obra no Mundo Acadêmico	13
1.2 <i>Amada</i> e o Contexto Escravocrata	16
CAPÍTULO 2 – MARCAS IDENTITÁRIAS PÓS-COLONIAIS EM <i>AMADA</i>	23
2.1 Paralelos entre a Teoria Pós-Colonialista e <i>Amada</i>	24
2.2 Representação do Feminino em <i>Amada</i> – Marcas Identitárias	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Em meados 1863, a Proclamação de Emancipação¹ de Abraham Lincoln, realizada durante a Guerra Civil, foi o estopim para a abolição da escravidão americana. Em decorrência, os Estados Unidos da América postaram-se diante de uma reconstrução estrutural, social e ideológica. No entanto, por mais que agora lhe fossem retiradas as amarras da escravidão, o povo negro ainda não detinha os mesmos direitos da supremacia branca e o preconceito racial propagava seu repúdio de outras tantas formas igualmente cruéis.

Com base neste âmbito memorável, Chloe Anthony Wofford (1931-2019), mais conhecida como Toni Morrison, assina um de seus maiores legados ficcionais, chamando-o de *Beloved* (1987). O romance foi elaborado a partir de um fator real e lendário para os Estados Unidos, ocorrido em 1856, considerado um forte ícone de resistência ao regime escravocrata, ou seja, a construção da personagem Sethe, de *Beloved*, foi inspirada em Margaret Garner,² uma ex-escrava norte-americana foragida que, em um fluxo de desespero e agonia, não encontra outra alternativa a não ser matar a própria filha, ao invés de vê-la retornar aos horrores impostos pela escravidão.

Tamanha fora a sensibilidade e maestria de Morrison, ao traduzir em valorosas palavras as feridas escravocratas, que lhe coube o Prêmio Pulitzer, outorgado a pessoas que realizam trabalhos com tamanha excelência, sejam eles na área do jornalismo, composição musical e/ou na literatura. Ainda, Morrison foi a primeira mulher negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

Dito isso, tornam-se claros os motivos que predominaram na escolha desta obra. Além do cunho crítico cultural e pós-colonialista, *Beloved* permite uma leitura da representação feminina afro-americana por meio de personagens psicologicamente desenvolvidas. Esta desenvoltura na construção do enredo possibilita uma vasta área de pesquisa e, por essa razão, este Trabalho de Conclusão de Curso trata de uma análise de *Beloved*, de Tony Morrison, a partir de sua tradução para o português, *Amada*³, feita por José Rubens Siqueira (2007).

¹ Lei elaborada em 22 de setembro de 1862, por Abraham Lincoln, a qual defendia a abolição da escravidão. Tal lei entrou em vigor no dia 1º de janeiro do ano de 1863 em meio a um cenário catastrófico originado pela Guerra Civil.

² Margaret Garner foi uma ex-escrava que fugiu de uma fazenda em Kentucky junto aos seus filhos. Durante a fuga, caçadores de escravos os perseguiram. Garner assassinou a própria filha para não a ver retornar às senzalas. A história de Margaret Garner consta em registros histórico-jornalísticos.

³ José Rubens Siqueira é autor, tradutor, diretor teatral, cenógrafo e figurinista brasileiro. Ele traduziu três romances de Toni Morrison para o português brasileiro, sendo um deles *Beloved, Amada*.

O primeiro eixo problemático a ser analisado leva em consideração justamente este contexto histórico tão bem referenciado pela autora e a descrição das lembranças da cultura negra que se constroem com as características pós-coloniais. Neste âmbito memorável, faz-se impossível tocar nas marcas cravadas na pele e na alma das mulheres afro-americanas, duplamente submetidas ao ser secundário.

O fato de ser negra e de ser mulher em uma sociedade sexista, racista e patriarcal remetia a uma posição subalterna extrema. Sua representação ainda era embasada por heranças escravistas, onde, além de símbolo de exploração de mão de obra, a mulher afrodescendente era vista como mero objeto de satisfação sexual. Assim, conhecer o contexto histórico relacionado às questões da mulher negra e investigar como ele está presente no romance foi um objetivo muito importante.

Faz-se de suma importância reconhecer que por longos anos a supremacia branca impôs sua ideologia. Negros viviam como ratos de esgoto, à margem social. Brancos e burgueses desfilavam propagando uma cultura extremista, incapaz de olhar o próximo como a si próprios. Porém, foi com o surgimento de pensamentos revolucionários que os discursos pós-colonialistas passaram a ter uma nova cor. A literatura, por exemplo, foi um dos principais veículos de propagação ideológica intervencionista, no qual escritores afro-americanos passaram a ter voz. Assim, foi imprescindível estudar a abordagem pós-colonialista ao lado da análise de *Amada*.

Por mais que a abolição escravocrata tenha repercutido como forma de liberdade ao negro, sabe-se que o preconceito e a imposição de inferioridade cultural e social ainda detêm suas raízes cravadas. O corpo social mantinha-se subdividido etnicamente, atribuindo o título de superioridade e domínio de um grupo sob o outro. O negro, então livre, ainda era submisso aos seus senhores. Por essa razão, torna-se claro o compromisso em responder como a questão do preconceito e da inferioridade cultural e social são representados em *Amada* e, conseqüentemente, na história.

Para que estas questões pudessem ser respondidas, foram convocadas a embasar esta análise às teorias de Stuart Hall, em *The Question of Cultural Identity* (1997), mas em sua edição também traduzida: *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2019), por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro; e de Homi K. Bhabha, em *The Location of Culture* (1994), mas em sua versão traduzida por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, *O Local da Cultura* (1998), ambas especialmente importantes no que diz respeito ao entendimento da Teoria Pós-colonialista e dos Estudos Culturais. Igualmente relevantes foram as teorias de bell hooks, especialmente em *Feminism Is for Everybody*:

Passionate Politics (1952), em sua versão portuguesa brasileira: *O Feminismo é para Todo Mundo: políticas arrebatadoras* (2019), por Bhuvi Libânio para uma análise da construção do feminino. Como complemento, foi imprescindível abordar os conceitos teóricos de Toni Morrison, no que tange à voz feminina afro-americana, denunciando a dupla condição subalterna a qual era imposta à mulher negra.

Os nomes aqui citados foram relevantes para a estruturação das principais ideias registradas nesse Trabalho de Conclusão de Curso, as quais foram organizadas em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado como “Toni Morrison e Algumas Considerações Sobre a História Afro-americana”, conta com subdivisões nomeadas como “A Autora e a Importância de sua Obra no Mundo Acadêmico” e “*Amada* e o Contexto Escravocrata”. As informações iniciais são responsáveis por essa introdução contextual histórica, e por mostrar Toni Morrison como uma representante leal à oposição do regime escravocrata.

Em sequência, intitulado “Marcas Identitárias Pós-Coloniais em *Amada*” e contando com dois subitens nomeados como “Paralelos entre a Teoria Pós-Colonialista e *Amada*” e “Representação do Feminino em *Amada* – Marcas Identitárias”, o segundo capítulo traz conceitos reflexivos a respeito do processo construtivo identitário do povo negro e da considerada minoria feminina afro-americana, ambos eixos embasados teoricamente por grandes nomes e correlacionados a obra principal, fonte da presente pesquisa.

De acordo com essa estrutura estabelecida, almeja-se analisar as estratégias discursivas utilizadas pela grande Toni Morrison para romper com a imposição de valores canônicos de uma nação manchada pelo preconceito cruel, reestruturando, na perspectiva do olhar subalterno, a experiência da figura feminina norte-americana a partir de sua herança histórica brutalmente marcada por cicatrizes físicas e mentais.

Além da responsabilidade acadêmica que recai sobre este Trabalho de Conclusão de Curso ao escolher tal escritora de tamanho renome, conseqüentemente, a seleção desses eixos temáticos para discussão e análise remetem também a um compromisso social e histórico. Este engajamento a favor dos grupos considerados minorias pelo âmbito social propagando-se em veículos de circulação acadêmica mostram o quanto nos compete, enquanto cidadãos críticos, ecoar a voz dos estudiosos dessa área.

No que diz respeito à *Amada*, pode-se perceber ricas pesquisas, as quais transitam nos mais amplos aspectos possíveis de análise desta obra, notoriamente, engajadas em aspectos sociais. Dentre estes, citamos o Trabalho de Conclusão de Curso “Corpo e Memória em *Beloved*, de Toni Morrison”, apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2009, pela acadêmica Vivan Nickel. Tal pesquisa teve como objetivo buscar

traços de resistência ao discurso eurocentrista, tendo como ponto de partida a perspectiva do Outro, através do olhar negro feminino. Por meio de um contexto histórico consistente, Nickel desenvolve um trabalho completo, contextualizando seu leitor das ocorrências sociais e seus reflexos.

Como somativo, destacamos também a Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação (DEDC II), intitulada *A Relação Espaço e Biodiversidade Segundo a Visão das Comunidades Negras dos EUA em Amada, de Toni Morrison* e apresentada na Universidade do Estado da Bahia, em 2014, pelo acadêmico Wellington Neves Vieira. Com foco na política racial do romance, Vieira nos possibilitou adentrar mais a fundo no aspecto cultural presente em *Amada*, explanando a respeito dos espaços opressivos e a tentativa de fuga deste âmbito, originando a criação de uma nova realidade histórica, o que é compreendido pelo estudioso como um novo espaço de “alteridade”, desafiando e resistindo ao discurso dominante.

O artigo “O Legado da Rememoração: Traços e Vestígios Memoriais nas Américas”, publicado em 2013, pela Metre e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade da Columbia; pesquisadora na área crítica literária feminista, Sandra Regina Goulart Almeida, também contribuiu para o leque de valorosos trabalhos, os quais trazem o nome de Morrison como eixo base. Este, em especial, explora a herança histórica e o ato de “rememoração” das cicatrizes deixadas por um passado combatente. A importância da memória e de saber “quem fui para compreender quem sou”, por meio do processo de análise temporal é o foco desta estudiosa que busca trazer respostas sobre essa crise identitária presente na alma do povo negro.

É perceptível que Toni Morrison está presente não tão somente em trabalhos de cunho literário, mas também fundamenta os mais amplos e variados eixos da esfera acadêmica. Por mais que a essência histórica seja recorrente, cada pesquisa realizada, apesar de objetivos semelhantes, possui sua singularidade textual e analítica, e contribui, cada qual de sua forma, para esse vasto e rico âmbito do saber.

CAPÍTULO 1 – TONI MORRISON E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO NEGRO AMERICANO

Toni Morrison emerge em âmbito literário como representante fiel ao povo negro, evocando tamanha autoridade como forte representante étnica da figura feminina norte-americana. Posicionamento crítico sobre aspectos voltados à escassa exaltação da cultura negra em produções literárias americanas e ao lugar do negro e da mulher afrodescendente em um contexto eurocentrista, são peculiaridades fortemente presente nos escritos de Morrison.

A literatura foi grande propulsora do ideal pejorativo que a sociedade impunha à mulher. No próprio meio literário, as produções engajadas por mulheres eram silenciadas e controladas ideologicamente pela hegemonia patriarcal. A personagem negra, por exemplo, sempre ancorada em seu passado escravocrata, era representada apenas como mero objeto de procriação ou de satisfação sexual. Em contrapartida, a representação pós-colonialista da mulher afro-americana em *Amada* rompe com os estereótipos moldados pelo imaginário americano. A mulher afrodescendente já é representada como detentora de maior autonomia sobre si e maior domínio de sua própria história. Paradigmas, antes enraizados, são resignificados e a essência feminina afrodescendente é resgatada pelas próprias mãos de uma mulher norte-americana.

Dessa maneira, este primeiro capítulo conduz uma introdução a respeito do quão tem contribuído, em âmbito acadêmico e social, os escritos de Morrison. Sua obra é engajada a delatar o perigo que, emprestando as palavras de Chimamanda, uma única versão histórica pode trazer a uma nação. Além disso, como complemento ao pressuposto, este segmento evidencia o quanto essa presença literária, empoderada pelo seu nome, tem abrangido um amplo e variado público de leitores e admiradores em diversos países.

Ainda, as seguintes linhas que compõem essa primeira etapa mostram uma verificação da narrativa desenvolvida em *Amada*, ao mesmo tempo em que a correlaciona a alguns conceitos sobre o contexto histórico escravocrata, com enfoque especial às condições impostas aos sujeitos inseridos ao regime e as marcas que estas deixam, tanto físicas como mentais.

De modo lírico e emblemático, como usualmente o faz, Morrison convida seus leitores (e a si mesma) a entrar em um cenário repulsivo, a fim de estabelecer um processo reflexivo sobre a história. Sua literatura tem como objetivo expressar a consciência de sua raça na cultura americana e levar seu receptor a explorar, minuciosamente, a condição do negro, em especial da mulher afro-americana.

1.1 A Autora e a Importância de sua Obra no Mundo Acadêmico

Além de grandes contribuições para a divulgação da cultura afro-americana a partir da publicação de valorosas obras e autores da literatura norte-americana enquanto editora, enquanto escritora, Morrison colaborou significativamente para a formação do cânone dessa área de estudos. Sua carreira literária somou para com o processo de “descobrimto” da outra face da cultura estadunidense afro-americana, além de propagá-la pelo mundo todo, com suas obras traduzidas para as mais diversas línguas.

Paralelamente ao seu cargo de editora, Morrison dava vida aos seus escritos, além de lecionar em várias universidades. Sua múltipla desenvoltura profissional enriqueceu sua escrita com uma ampla variedade de influências. Nas palavras de Morrison, sua obra como um todo trouxe ricas inovações ao campo da literatura produzida por negros nos Estados Unidos, visto que “nenhum escritor afro-americano jamais fez o que eu fiz, que foi escrever sem o olhar atento dos brancos” (MORRISON *apud* HOUSTON, 2005, p. 253).⁴ Morrison buscou se distanciar do caminho traçado por muitos colegas escritores afro-americanos, os quais sucumbiam aos interesses de editoras que visavam apenas a agradar seu público alvo, leitores predominantemente brancos.

Dona de um estilo de escrita peculiar, a partir de técnicas de fluxo de consciência, múltiplas perspectivas e cronologia não-linear, Morrison desenvolve personagens, em sua ampla maioria, negros, dos quais trazem consigo uma bagagem marcada por lutas individuais e coletivas dos afro-americanos em uma sociedade hegemônica branca. Com isso, torna-se clara a necessidade que ela sentiu em destacar a realidade do seu povo negro, frequentemente omitida da história oficial, para que assim o seu público pudesse ler algo que ainda não havia sido escrito (MORRISON *apud* RUSHDIE, 1992).

Um, dos traços tão marcante em sua obra é o uso de uma linguagem que evidencia a tradição oral pertinente ao contexto afro-americano. Morrison atribui à sua escrita aspectos culturais singulares, abrangendo características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais do *African-American English*, dialeto falado por parte da população negra estadunidense o qual possui suas peculiaridades próprias, diferenciadas daquelas relativas a uma variante padrão. Aos olhos da escritora, a arte negra possui uma rica peculiaridade que por ela é explorada: o lindo dom de ser literatura oral e escrita ao mesmo tempo, conforme ela cita no texto “Rootedness: The Ancestor as Foundation” (1984):

⁴ Tradução por Luciana de Mesquita Silva.

Há coisas que eu tento incorporar na minha ficção que são direta e deliberadamente relacionadas àquilo que considero como as principais características da arte negra, onde quer que ela esteja. Uma delas é a capacidade de ser literatura oral e escrita ao mesmo tempo: combinar esses dois aspectos de forma que as histórias possam ser lidas silenciosamente, é claro, mas também ouvidas. (MORRISON, 1984, p. 59).

Tanto na literatura quanto em sua oralidade, a voz do povo negro era abafada, silenciada, submissa e, por mais que essa condição subalterna lhe fosse imposta, as memórias fragmentadas constituíam, silenciosamente, a história do povo negro. Por mais que sua obra norteia o universo ficcional, evidências reais são delicadamente capturadas pelo olhar poeticamente crítico de Toni Morrison e transpostas em uma estrutura sintática reflexiva e incontestável.

Harold Bloom (2005, p. 1), crítico literário, enaltece a postura engajada da autora: “como líder da cultura literária afro-americana, Morrison é particularmente enfática ao questionar caracterizações críticas as quais ela acredita que representam mal suas próprias lealdades, suas fidelidades políticas e sociais à complexa causa de seu povo”. As belas palavras proferidas por Bloom valorizam o engajamento de Morrison em tornar visível uma parcela da população nacional historicamente marginalizada.

Seguindo essa mesma linha, outros estudiosos perceberam na peculiar literatura de Morrison alguns traços que suplantam questões raciais. Thomas B. Hove (2002, p. 254-55), por exemplo, no livro *Postmodernism: The Key Figures*, onde Morrison é considerada uma das maiores representantes do movimento pós-moderno, juntamente a nomes como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes e Jean Baudrillard, faz a seguinte colocação:

As obras de ficção de Morrison repetidamente desafiam tradições culturais definidas por padrões patriarcais, assimilacionistas e totalizantes [...]. [Morrison] enfatiza a centralidade da linguagem não só como repositório de cultura, mas como o principal meio de interação social.

Ao longo de sua carreira, Morrison recebeu inúmeras premiações. Em 1993, a escritora foi agraciada com o Prêmio Nobel, recebendo o título de primeira e única, até então, mulher negra norte-americana a recebê-lo. Em 1988 recebeu a cátedra *Robert F. Goheen Professor of the Humanities* para ministrar aulas de estudos afro-americanos e escrita criativa. Vale evidenciar o alto prestígio acadêmico que este título atribui ao profissional que o recebe. Ainda, Morrison foi a primeira mulher negra a ser contemplada com essa posição, o que salienta ainda mais sua maestria. Recentemente, a Medalha da Liberdade (2012) foi dada a doze pessoas que contribuíram de alguma maneira significativa aos eixos sociais, seja em interesses nacionais, cultura e etc. Toni Morrison recebeu esta premiação, considerada a mais alta condecoração dos Estados Unidos, das mãos do próprio presidente Barack Obama.

A criação de *Toni Morrison Society*, em 1993, também fora uma forma de homenagear a consagrada escritora. Este grupo está diretamente vinculado ao *American Literature Association*, a qual reúne estudiosos e apreciadores do trabalho de Morrison de todas as partes do mundo, tendo por objetivo divulgar as valorosas obras da literata por meio de conferências e publicações.

Com relação às traduções de suas obras, estas possuem papel preponderante na propagação do rico trabalho de Morrison internacionalmente, ampliando assim a diversidade de seu público leitor. Com base nos dados apurados por *Index Translationum*, projeto das Nações Unidas que disponibiliza informações a respeito de livros traduzidos mundialmente, fora constatada a presença de 359 registros relacionados a Morrison. Esta lista, possivelmente incompleta, mostra a proporção que seus ricos escritos abrangeram.

Inúmeros foram os empecilhos presentes na trajetória de Toni Morrison, além do fato de ser mulher e negra em uma sociedade marcada por valores eurocentristas. Ao invés de lhe retraírem, estes aspectos impulsionaram em Morrison o sentimento de resistência, o que a levou a ocupar a mais merecida posição de destaque na literatura.

De acordo com as próprias palavras da autora, ela não procura submeter-se a um sistema patriarcal, tão menos substituí-lo por uma conjuntura matriarcal. Em uma entrevista a Zia Jaffrey, após o lançamento de sua obra *Paradise* (1998), Morrison fez as seguintes considerações:

Para que eu seja o mais livre possível, em minha própria imaginação, eu não posso tomar posições que sejam fechadas. Tudo o que eu já fiz no mundo da escrita tem sido expandir a articulação, em vez de fechá-la, abrir portas, algumas vezes nem mesmo encerrar o livro –deixando os finais abertos para reinterpretação, revisitação, um pouco de ambiguidade. (MORRISON *apud* JAFFREY, 1998, p. 140).

Deste modo, essa busca por valorizar o ato de contar histórias, ilustrado por personagens como Baby Suggs, de *Amada*; evidenciar a necessidade de interação entre o leitor e a construção do enredo de suas narrativas; fazer uso de estratégias estilísticas como o *call and response*, reforçando a relação entre emissor e receptor; referenciar músicas – exemplificar por uma alusão de Baby Suggs à tradicional canção religiosa “Down by the riverside”; ao tentar “[...] misturar o vernáculo coloquial e a variedade padrão” (HACKNEY, 1996, p.131) da língua inglesa, Morrison se propôs a captar diferentes formas de expressão da população negra nos Estados Unidos.

1.2 *Amada* e o Contexto Escravocrata

Os primeiros escritos da literatura norte-americana marcam as minúcias herdadas do estilo britânico, especialmente da Inglaterra, país pelo qual o Estados Unidos foi colonizado. Logo, “a literatura colonial mais conhecida era a antologizada inglesa” (VANSPANCKEREN, 1997, p.4). Deste modo, “[...] a paisagem europeia continuou a ser por muito tempo aquela que os construtores da nova pátria verdadeiramente sentiam, aquela que descreviam aos seus filhos” (NABUCO, 2000, p.11).

Por longos anos, a literatura americana limitou-se à representação estético-literária do negro apenas como mera oposição ao ideal branco forjado. Escritos que transitavam pelas influências escravocratas limitavam-se a retratar uma única versão elitizada. Toda complexidade histórica do negro, seja ela em seu individual ou no coletivo, era romantizada e suprimida a um único aspecto: sua considerada inferioridade. Com isso, faz-se notório o perigo de uma história única, imposta por meio de um poder cruel, covarde e persuasivo. Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em seu valoroso discurso em “O Perigo da História Única”, enfatiza justamente que

[é] impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é *nkali*. É um substantivo que livremente se traduz: ‘ser maior do que o outro.’ Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do *nkali*. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

Esse breve fragmento possibilita uma reflexão acerca de obras escritas sob influência escravocrata, em sua maioria, por brancos. O degradante poder de representações racistas demonstra o efeito do racismo internalizado na construção da identidade afro-americana. A ideologia da supremacia branca que se referia aos escravos estadunidenses como “a outra raça” é a mais pura representatividade de imposição *poderio*.

A literatura foi um grande veículo para essa propagação de poder hierárquico. Em âmbito narrativo colonialista, as vozes negras eram violentamente silenciadas e a relação colonizador e colonizado era romantizada em grandes obras. A realidade é que nenhuma sociedade que vivenciou essa triste página da história escreveu suficientemente sobre o assunto, de forma que abrangesse amplamente as suas várias faces.

Toni Morrison, em *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination* (1993) vislumbra na ficção estadunidense a imaginação em torno da figura do branco. A autora aborda uma leitura da história a partir do imaginário americano, revelando um importante aspecto negligenciado pela crítica: o homem negro. Morrison questiona a validade do conhecimento circulante entre os críticos e historiadores da literatura, o qual

[...] assegura que a literatura tradicional canônica – desinformada e deformada pelos quatrocentos anos de presença – é livre de primeiramente africanos e em seguida de afro-americanos nos Estados Unidos. Ela presume que esta presença [...] não tem lugar significativo ou uma consequência na origem e no desenvolvimento daquela literatura de cultura.

Dentre todas as suas valorosas contribuições, *The Black Book* (1974), foi fruto de uma ampla pesquisa, na qual cerca de trezentos anos da vida dos negros fora reconstituída. Foi em busca de novas fontes para este trabalho que Toni Morrison encontrou a manchete sensacionalista denominada “A Visit to the Slave Mother Who Killed her Child” (1856) em um jornal; tratava-se da tragédia de Margareth Garner, símbolo de resistência escravocrata e principal inspiradora de seu romance *Amada*.

A escolha de tomar a figura histórica de Margaret Garner e seu contexto como matéria prima para o romance *Amada* é justificada pelo fascínio crítico da autora em adotar a historicidade verdadeira, aos olhos do povo negro, em sua mais pura essência. Os eventos que se tornaram históricos são recontados e reformulados em um universo ficcional híbrido, aspectos estes que produzem efeitos políticos e fazem o sujeito criticamente ativo questionar-se até que ponto essa narrativa conta uma história.

A obra *Amada* inicia-se pela epígrafe “*sixty million and more*” (“sessenta milhões e mais”). Em entrevista a Walter Clemons (1987), publicada no livro *Critical Essays on Toni Morrison's Beloved* (1998), Morrison explica que o “o número é a estimativa mais abalizada do número de africanos negros que nunca chegaram à escravidão – aqueles que morreram ou como prisioneiros na África ou nos navios negreiros” (CLEMONS, 1998, p.46).

Com isso, faz-se perceptível que Morrison busca retratar as marcas deixadas pelo período extremista. O contexto de um povo descolonizado remete à busca de sua real identidade. Neste aspecto, a obra enfatiza a importância da rememoração, tanto no ato de lembrar quanto ao retorno incessante das reminiscências do passado, em especial da história, da vivência e do trauma da escravidão.

Morrison traz para reflexão este conceito rememorial não apenas para se referir ao trabalho de resgate memorial lacunar, mas também para evidenciar experiências de sofrimento de um povo, seja em seu individual ou em seu coletivo. Com base neste aspecto, na perspectiva de Homi Bhabha (1998, p. 274-75), em *O Local da Cultura*, o

[...] ato da ‘rememoração’ (seu conceito de recriação da memória popular) transforma o presente da enunciação narrativa no memorial obsessivo do que foi excluído, amputado, despejado, e que por esta mesma razão se torna um espaço *unheimlich* para a negociação da identidade e da história.

Na busca por transmitir sentimentalmente estes aspectos pós-coloniais, Morrison cria uma atmosfera histórica através de personagens psicologicamente bem desenvolvidas, com histórias e memórias construídas, as quais são responsáveis por darem vida ao enredo, por meio de fluxos mentais e rememoração. As marcas que essas personagens carregam e que compartilham é uma experiência vivida pela condição marginal que estas ocupam, tornando clara a denúncia à supremacia branca.

Morrison inspira-se pelo triste legado de Margaret Garner ao conduzir *Amada*. O caso de Garner chocou pela violência e pela resistência ao regime escravocrata. Em 1850, vigora-se nos Estados Unidos a Lei *The Fugitive Slave Act*, a qual determinava que o negro fugitivo, sendo propriedade de seu Senhor, deveria ser restituído.

Garner, ao perceber que sua liberdade e a de seus filhos estava ameaçada, vê o infanticídio como a única tentativa de resistência à supremacia branca. Seus dois filhos, desacordados no chão, tinham marcas de pancadas na cabeça. A recém-nascida, jogada contra a parede; e sua outra filha, com aproximadamente dois anos, tem a garganta atravessada por uma serra. O crime cometido por Garner delatou a tamanha crueldade vivida nas casas-grandes e senzalas, atrocidades que fizeram o oprimido crer que a única forma de sair deste regime extremista seria a morte.

A notícia do infanticídio propagou-se rapidamente e impulsionou as lutas abolicionistas. Garner passou a ser considerada um símbolo de resistência à escravidão e à condição social imposta à mulher negra. Valores estes transpostos na personalidade da personagem Sethe:

‘O professor encontrou você’? [...] ‘E não levou você de volta?’ Ah não. Eu não voltava lá. Não me interessa quem encontrou quem. Qualquer vida, menos aquela. Preferi ir para a Cadeia. A Denver ainda era bebê, então foi junto comigo. Ratos mordendo tudo por lá, menos ela. (MORRISON, 2007, p.68).

A escravidão deixou marcas tanto psicológicas quanto físicas no corpo feminino. Morrison, também por meio de Sethe, denuncia os cruéis abusos sexuais cometidos no período escravocrata: “aqueles rapazes entraram lá e tomaram o meu leite. Foi para isso que eles entraram lá. Me seguraram e tomaram” (MORRISON, 2007, p. 35). Ainda, após ter delatado o ocorrido à senhora do engenho, os violadores descobriram e a chicotearam, ato que deixou uma marca profunda em suas costas, “uma árvore de arônia. [...] Florindo” (MORRISON, 2007, p. 115).

Em um processo de rememoração, Sethe se recorda de sua mãe que, devido ao período escravocrata, a viu pouquíssimas vezes, graças as longas jornadas de trabalho que deixavam-na exausta. O seu alimento materno, momento esse que possibilitaria o contato afetivo entre mãe e filha, lhe fora dado apenas nas primeiras três semanas de vida.

Ela me pegou e me carregou atrás da defumadora. Lá atrás ela abriu a frente do vestido, levantou o peito e apontou debaixo dele. Bem em cima das costelas tinha um círculo e uma cruz queimados direto na pele. Ela disse: ‘Esta aqui é sua mãe. Esta’, e apontou. ‘Sou a única que tem essa marca ainda. O resto morreu. Se alguma coisa acontecer comigo e você não conseguir saber que sou eu pela cara, pode saber por esta marca. (MORRISON, 2007, p. 92).

Em sequência, os fragmentos memoriais de Sethe a levam ao enforcamento de sua mãe. Sem saber o real motivo que acarretou o ocorrido, a personagem se alimenta dos fleches imagéticos que marcaram-na enquanto filha e enquanto mulher em sua condição escrava “[...] quando cortaram a corda, ninguém conseguia descobrir se tinha círculo e uma cruz ou não, muito menos eu, e eu a procurei” (MORRISON, 2007, p. 93).

Morrison usa Nan, uma escrava vinda dos navios negreiros, assim como a mãe de Sethe, para representar os abusos cometidos durante as longas navegações, as quais tinham como ponto de partida a África e destino a América. Além da violação física do corpo feminino, servindo de produto de satisfação sexual, tanto ao homem branco quanto ao negro, a autora ressalta a condição da mulher negra enquanto ferramenta reprodutora de mão de obra escrava:

Nan, com ela no colo, com o braço bom, sacudindo o cotoco do outro no ar. ‘Vou te contar. Vou te contar, Sethe, menininha’ e contou. Contou a Sethe que sua mãe e Nan tinham vindo juntas pelo mar. Ambas foram usadas muitas vezes pela tripulação. ‘Ela jogou todos fora, menos você. O da tripulação ela jogou fora na ilha. Os outros de outros brancos, ela também jogou fora. Sem nomes, ela jogou eles. Você ela chamou com o nome do negro. Ele ela abraçou. Os outros ela não abraçou. Nunca. (MORRISON, 2007, p. 94).

Neste contexto de família e escravidão, Baby Suggs, sogra de Sethe, traz sua história marcada pelas imposições subalternas da supremacia branca. A ela, assim como a todos os negros, não lhe fora dado o direito de constituir uma unidade familiar. A desagregação familiar causada pela “experiência colonial” em *Amada* faz uma inversão dos valores estabelecidos quanto à maternidade, antes vista como algo divino, no romance ela representa uma experiência profundamente dolorosa.

Famílias monoparentais, mantidas por mulheres, eram grande maioria entre a população negra da época. A dor era causada por essas rupturas, por saber que o filho gerado estaria fadado à escravidão; por estar ciente de que a criança poderia ser tirada de seus braços a qualquer momento; por saber que poderia ser impossibilitada de dar seus cuidados maternos. Neste breve trecho de *Amada*, evidenciam-se as marcas do trauma gestacional neste período extremista:

Aconchegada na cama no poço do braço dele, Sethe lembrou da cara de Paul D na rua quando lhe pediu para ter um filho dele. Embora tivesse dado risada e pegado na mão dele, ficara assustada. Pensou depressa como ia ser bom o sexo se era isso que ele queria, mas assustava-se sobretudo com a ideia de ter um bebê outra vez. De ter de ficar viva todo aquele tempo. Ah, senhor, pensou, me livre disso. Se não fosse despreocupado, o amor materno matava. (MORRISON, 2007, p. 182).

Como resultante, essas rupturas de relações maternas causaram um impactante trauma no sujeito feminino. Trauma este que as faziam ter consciência de que não eram permitidas amar. Seja alguém, seja um lugar, seja um objeto, pois tudo e todos por aquilo que tivesse apresso poderia não mais lhe pertencer ao findar do dia. Como uma forma de autoproteção, as relações sentimentais passaram a ser líquidas e o sentimento reprimido: “Arriscado, pensou Paul D, muito arriscado. Para uma mulher que era escrava, amar alguma coisa tanto assim era perigoso, principalmente se era a própria filha que ela havia resolvido amar” (MORRISON, 2007, p. 72)

A liberdade para os negros era vista como um poder intangível, seja em sua condição ideológica ou física. O fato de se permitir sentir sem ser oprimido e açoitado apenas pelo ato não concretizado do desejo, representava a libertação dos aspectos ideais do regime escravocrata:

Então você se protegia e amava pequeno. Escolhia as menores estrelas do céu para serem suas; deitava com a cabeça virada para ver a amada por cima da beira do fosso antes de dormir. Roubava tímidos olhares dela entre as árvores durante o acorrentamento. [...] Ele sabia exatamente do que ela estava falando: chegar a um lugar onde você podia amar qualquer coisa que quisesse – sem precisar de permissão para desejar –, bom, ora, isso era liberdade. (MORRISON, 2007, p. 220-21).

Um dos primeiros vestígios de denúncia ao regime extremista no enredo de *Amada*, é representado após a morte de Mr. Garner, então Senhor da Doce Lar, onde, especialmente, Sethe, Paul D e Baby Suggs armazenam suas memórias escravistas. Porém, até a vinda do Professor à fazenda, quem os substituirá, os Garner eram vistos com olhos de gratidão por seus escravos, pois

[...] tinham um tipo especial de escravidão, tratavam os escravos como trabalhadores pagos, ouviam o que diziam, ensinava o que queriam que soubessem. E não faziam seus rapazes procriarem. Nunca os levavam à sua cabana com ordens de “deitar com ela”, como faziam na Carolina, nem alugavam seu sexo para outras fazendas. [...] Sua ordem de não saírem da Doce Lar, a não ser em sua companhia, não era tanto por causa da lei, mas pelo perigo de deixar à solta escravos criados como homens. (MORRISON, 2007, p. 193).

Essa relação “humanizada” entre os senhores e a senzala, é um condicionante da realidade histórica da época. A obra se dá em contexto de pós-Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Logo, levando-se em consideração os presentes no hemisfério norte, pautados nos ideais de liberdade, do trabalho e da pequena propriedade privada, evidencia-se que a abolição escravocrata era um dos eixos sociais defendidos pela maioria dos residentes norte-americanos.

Fora após a morte de Mr. Garner, e o adoecimento de sua esposa, que os valores ideológicos presente na administração da Doce Lar sofreram fortes influências. Os aspectos tradicionais da supremacia branca, claramente influenciados pelos discursos sulistas, enraizaram-se na fazenda e, novamente, o sangue inocente do negro manchava as mãos da “gente branca”: “Nunca parecera tão terrível como agora e a fazia pensar se o inferno seria um lugar bonito também” (MORRISON, 2007, p. 21), assim como a fazenda Doce Lar era.

As violentas punições cometidas pelos senhores do engenho para com os escravos fugitivos superavam os valores básicos humanos esperados, como empatia, compaixão, compreensão, tolerância. Durante uma tentativa de fuga da casa grande de seus Senhores, com exceção de Sethe que conseguiu dar continuidade ao plano traçado de evasão, os demais escravos foram capturados e violentamente punidos. Paul A. foi capturado e enforcado, Paul D. foi castigado com um freio de ferro em sua boca e vendido logo em seguida; e Seiso, queimado até a morte:

Colocaram nele uma gola de três varas para ele não poder deitar e acorrentaram os tornozelos um no outro. [...] Dois? Dois negros perdidos? Paul D pensa que seu coração está pulando. Vão procurar Halle, não Paul A. Devem ter encontrado Paul A, e se um homem branco encontra você isso quer dizer que você com certeza está perdido. (MORRISON, 2007, p. 303).

Cantarolando alto e com um largo sorriso no rosto, Seiso morre queimando aos poucos em uma fogueira improvisada por capatazes. A sua busca pela liberdade ao regime escravocrata acorrentou seu corpo em madeira maciça, mas o queimar da carne representava a liberdade de sua alma.

Cinco armas estão apontadas para ele enquanto escutam. Paul D não consegue vê-los quando saem da luz do lampião. Por fim, um deles atinge Seiso na cabeça com o rifle e, quando ele volta a si, uma fogueira de nogueira está acesa diante dele e está amarrado pela cintura em uma árvore. (MORRISON, 2007, p. 301).

Por mais cruéis que essas perseguições pareçam ser aos olhos empáticos de leitores, as atrocidades eram vistas como algo comum, corriqueiro neste contexto escravocrata. Tão natural que não eram se quer citadas em jornais regionais ou despertavam qualquer atenção especial da supremacia branca, por muito tempo:

Um chicote de medo estalava nas câmeras do coração assim que se via o rosto de um negro no jornal, uma vez que o rosto não era porque a pessoa tinha um bebê saudável, ou escapara de um bando na rua. Nem porque a pessoa tinha sido morta, ou mutilada, ou presa, ou queimada, ou encarcerada ou chicoteada ou expulsa, ou pisoteada, ou estuprada, ou enganada, uma vez que isso dificilmente poderia ser qualificado como notícia para um jornal. Teria de ser alguma coisa fora do comum – alguma coisa que gente branca acharia interessante, realmente diferente, que valesse alguns minutos de dentes aspirando, senão suspiros. E devia ser difícil encontrar notícias sobre negros que valiam a respiração ruidosa de um cidadão branco de Cincinnati. (MORRISON, 2007, p. 212-213).

Neste aspecto, abre-se o leque do poder discursivo predominante, onde qualquer veículo de propagação ideológica só expandiria informações se estas fossem contribuir à hegemonia patriarcal. Por mais que notícias a respeito de atrocidades cometidas aos negros pudessem alimentar esse sistema, a condição de subalternidade atribuída ao sujeito de “cor” era tão grande que não valeria o gasto pelas páginas de jornais. Era notório que isto somente aconteceria se de fato fosse algo “atrativo” aos olhos da elite.

A escravidão, impiedosamente, cobre com um fino véu a face do negro e as cicatrizes espalhadas por seu corpo todo. Sua voz, abafada pelas mãos brancas manchadas de sangue afro inocente, ecoa longínqua nos quatro cantos da história. A resistência, representada pela silhueta curvilínea que a luz do findar do dia refletia nas senzalas, simboliza a força de um povo que, mesmo com o açoite estralado em sua pele, continuava, continuava, continuava. Feito peças de engrenagem, feitos peças de um sistema.

CAPÍTULO 2 – MARCAS IDENTITÁRIAS PÓS-COLONIAIS EM AMADA

A Proclamação da Emancipação representou uma luz em meio à escuridão das senzalas; uma esperança no coração combatente dos escravos os quais marchavam às chamas da injustiça. Porém, mesmo cem anos após a lei que lhe dava o direito à liberdade, negros eram assolados e viviam à sombra da cultura eurocentrista. A alienação imposta pela burguesia inglesa resultou na supremacia branca e o povo negro, por sua vez, subalterno e marginalizado, sucumbiu à opressão social.

Em seu discurso “I Have a Dream”, o ativista político americano Martin Luther King enfatizou o seu anseio e a necessidade da união e a coexistência harmoniosa entre negros e brancos; ainda, criticou arduamente o sistema organizacional social, amparado sob a perspectiva de que

[...] cem anos mais tarde, devemos encarar a trágica realidade de que o negro ainda não é livre. Cem anos mais tarde, a vida do negro está ainda infelizmente dilacerada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação. Cem anos mais tarde, o negro ainda vive numa ilha isolada de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos mais tarde, o negro ainda definha nas margens da sociedade americana estando exilado em sua própria terra. Por isso, encontramos aqui hoje para dramatizar essa terrível condição. (KING, 1963, p. 1).

A luta de escritores negros em prol da valorização cultural e, conseqüentemente, identitária do seu povo, consagrou-se por meio de tamanhos movimentos sociais. William Edward Burghardt (W. E. B.) Du Bois, por exemplo, foi um grande ativista dos direitos civis ao negro americano. Seus esforços foram voltados à refutação do mito da inferioridade racial, prezando pela igualdade civil ao descendente africano:

Depois do egípcio e do indiano do grego e do romano, do teutão e do mongol, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhado com uma visão de segundo grau neste mundo americano –, um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo. (DU BOIS, 1999, p. 54).

Considerando este contexto reconstrutor, o argumento pós-colonialista, o qual baseia-se no rompimento da história única sustentada pelo discurso individualista que naturalizava a dominação do homem pelo homem, tendo como justificativa deste ato as discrepâncias raciais hierarquizadas que compunham este processo civilizatório, estabelece uma série de estudos epistemológicos e paradigmas de análise sócio-cultural os quais favorecem os grupos oprimidos, visando assim a descrever a ideologia e a identidade deste povo:

[...] toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e de pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ele emerge em formas culturais não – canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d’art* ou para além da canonização da ‘ideia’ de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. (BHABHA, 1998, p. 240).

Deste modo, torna-se perceptível que é necessário resgatar a história para que assim se possa compreender a liberdade expressiva. O passado deve ser visto como a circunstância condicionadora do presente. Por esse motivo, *Amada* desenvolve-se em meio a uma atmosfera histórico-social, onde memórias surgem para compor o enredo, evidenciando a importância em reconhecer o seu passado como condicionador de suas escolhas futuras e, conseqüentemente, como modelador de sua identidade.

Dito isso, este segundo capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso correlaciona as referências dos primeiros eixos que emergiram como veículos ideológicos de resistência – as teorias Pós-coloniais e Feminista, com as fragmentações memoriais que predominam no enredo em *Amada*. Essa relação será resultante principal desta pesquisa, visto que o objetivo inicial deste trabalho fora justamente identificar estes aspectos históricos presentes na valorosa obra de Toni Morrison e correlacioná-los com a história.

2.1 Paralelos entre a Teoria Pós-Colonialista e *Amada*

Para que seja possível discorrer a respeito dessa representatividade pós-colonialista presente em *Amada*, faz-se necessário conceituar alguns eixos importantes para a compreensão assertiva deste processo. Para Ania Loomba (1998), o ato de colonizar inclui a formação de uma nova comunidade a partir do processo de reformular comunidades já existentes. Para a autora, o vocábulo “colonialismo” pode ter juízo de valor relacionado ao controle e conquista de bens e territórios, sendo assim uma versão capitalista de reestruturação econômica dos países colonizados, modificando, de modo significativo, o fluxo de pessoas e bens entre colônia e a metrópole.

Para Bhabha (1998), a colonização consiste na persuasão de um discurso colonial que se apropria das e governa as variadas esferas de uma organização vistas como objetos. Como complemento a esta perspectiva, Leela Gandhi (1998), por sua vez, define o colonialismo como um processo em que o “Ocidente” busca, de modo sistemático, apagar e negar as discrepâncias

culturais e, conseqüentemente, a identidade do sujeito, este “não-Ocidental”, deixando seus valores como únicos e predominantes.

Já para Stuart Hall (2003), a colonização é definida como um “processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constitui a ‘face mais evidente’, o exterior constitutivo da modernidade capitalista europeia e, depois, ocidental após 1492” (HALL, 2003, p. 112-113), resultando assim em um impacto histórico-social de proporções globais. Essas marcas do empoderamento eurocentrista possuem suas raízes tão cravadas na história que, mesmo durante o processo pós-colonial, suas influências resistem a uma oposição aos seus valores. Segundo Hall (2003, p. 108), este termo se refere “ao processo de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas (de formas distintas, é claro)”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Hall (2003, p. 56) considera o Pós-Colonialismo como uma “marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra”. Logo, o discurso Pós-colonial tem por objetivo, conforme defende Loomba (1998), instigar uma nova maneira de pensar os processos culturais, intelectuais, econômicos e políticos, considerando-os parte integrante do processo de construção física e ideológica do corpo colonialista. Essa nova forma de concepção ideológica, virá a questionar o aspecto epistemológico da violência colonial, tanto em sua dominação ideológica física quanto mental.

Aos olhos de Hall (2003), o Pós-Colonialismo permite “outra narrativa alternativa, destacando conjunturas-chave àquelas incrustadas na narrativa clássica da modernidade” (HALL, 2003, p. 112). Deste modo, a colonização adquire tamanha importância histórica, não somente por representar o desenvolvimento capitalista e social em território europeu, mas por possibilitar uma reflexão crítica acerca da única versão histórica aceita por verdade.

Neste contexto, Thomas Bonnici (2009) atribui à crítica pós-colonialista um valor político, ao que diz respeito a interpretação textual, considerando fortemente a relação dependente entre discurso e poder. Logo, sob influência de Foucault, Bonnici acredita que, aquilo que é intitulado por verdade não pode ser considerado como objetivo, uma vez que constituído, é resultante de uma construção discursiva da qual provém de uma hierarquia de poder. Com isso, a validação desta ideologia proferida só é possível se levada em consideração quem a profere e, automaticamente, neste processo, serão desconsiderados os ideais que foram ditos por sujeitos em desconformidade ao imposto pelo poder determinante hegemônico.

Pode-se perceber que as estruturas discursivas construídas pela supremacia branca na busca por justificar suas atitudes opressoras são herdadas, pois, considerando-se a internalização do discurso, proposta está estudada por Foucault, a sociedade ainda adota os

pressupostos presentes no discurso hegemônico, refletindo nas atuais formas de ver e interpretar o mundo. Dito isso, torna-se visível que o poder se dissemina, fluentemente, por meio da colaboração voluntária ou involuntária do indivíduo. No entanto, essa “colaboração” é, na realidade, a manifestação árdua do poder. Conforme elucida Foucault (1985),

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1985, p. 183).

Esses efeitos ocasionados pela imposição de poder, os quais são apontados por Foucault, são facilmente percebidos no conceito de colonialismo moderno sugerido pela estudiosa Ashis Nandy. A autora defende uma visão de estruturação colonial a qual se dá, não somente por meio da violência física, mas principalmente pela conquista e ocupação de mentes, culturas e, conseqüentemente, de indivíduos (NANDY *apud* GANDHI, 1998). Será nesse discurso de dominação do homem sob o homem que o colonizador cala a narrativa do Outro e o impõem à condição de subalternidade.

Para que seja possível compreender o Outro colonizado, em *Cultura e Imperialismo* (2011), Edward Said correlaciona ambos os eixos que intitulam sua obra e traz à tona a formação narrativa da nação, onde, por meio desta, fez-se possível o binarismo “Nós *versus* Eles”. Said (2011) atribui ao “Nós” o valor de uma identidade nacionalista que requer uma repúdia e um combate de tudo aquilo que pertence ao “Outro”, originando assim uma condição de submissão ao que o autor chama de “Eles”, os quais necessitam ser colonizados, explorados e educados aos olhos da hegemonia colonial. Logo, é assertivo pensar o poder eurocentrista como único condicionante capaz de introduzir o submisso à amplitude das representações, não com a intenção de considerá-lo capaz de “ser” e “pertencer” a um âmbito social, mas com o objetivo de evidenciar o poder e o domínio de uma raça sob a outra.

Gayatri Chakravorty Spivak (2010) posiciona-se criticamente mediante esse deslocamento da figura do Outro, afirmando que esse sujeito automeado superior é dominado, por mais que inconscientemente, pela ambição de manter-se como indivíduo dominante. Essa narrativa normativa unilateral exclui a heterogeneidade do sujeito colonizado, sendo considerada uma violência epistêmica responsável por constituir o sujeito subalterno. Em *Pode o Subalterno Falar?* (2010), Spivak faz refletir a respeito da tática de neutralização diante um Outro, seja ele colonizado ou subalterno, cuja consiste em invisibilizá-lo, deixando-o

incapaz de ter qualquer representatividade, silenciando-o. Esse silenciamento, visto como “relegado a uma posição secundária [...] como resto de linguagem” (*apud* ORLANDI, 2010, p. 12) para Spivak, “ligará o não-dizer à história e à ideologia” (*apud* ORLANDI, 2010, p. 12). Ou seja, há tanto sendo dito nas entrelinhas das vozes intencionalmente silenciadas dos subalternos.

Essa denúncia ao silêncio das classes secundárias faz-se presente logo nas primícias da obra, em seu título original *Can the Subaltern Speak?*. O emprego do “*can*” e não do “*may*” deixa ao leitor a livre inferência sobre o sentido verbal modal “*can*”. Dentre as amplas formas de interpretação que esse modal possibilita, pode-se considerar um sentido de permissão, de capacidade ou de possibilidade. Caso questione-se a respeito da relação desses aspectos com a condição de subalternidade conceituada por Spivak, a resposta é clara: quaisquer dos sentidos empregados à frase remetem a uma possibilidade de ação e não a um dever imposto. Dentre os três condicionantes, os três remetem a uma dependência de permissão superior para de fato ocorrer o ato da fala. Logo, nota-se uma representatividade do silenciamento da voz subalterna por meio da imposição de poder de um sujeito sob o Outro.

É nesse processo de construção do Outro que a Inglaterra é apontada, segundo as concepções de Said (2011), como predominante imperial, visto que sua “tradição ininterrupta de romances sem paralelos no mundo” (SAID, 2011, p. 22) revela como o domínio narrativo e de outros povos estão, intrinsecamente, relacionados. Logo, torna-se claro o motivo pelo qual essa supremacia branca imposta tornou-se uma estrutura consolidada e tida como referência mundial aos povos: pois o poder e, conseqüentemente, o discurso cultural, político, social estão sob domínio inglês.

Ao lançar um olhar crítico diante as produções literárias, nota-se que, se houve resistência em termos culturais perante o empoderamento imperial, esta não se faz notória nos eixos mais proeminentes de pensamento desta época. Isso se justifica, segundo Said (2011), pela busca dos escritores vitorianos em moldar uma exibição do absoluto poder britânico, refletindo na imagem identitária nacional e internacional propagada. Com isso, cabe uma reflexão a respeito do sujeito apto à escrita, pois mesmo que este seja dotado de liberdade expressiva, seus argumentos também serão construídos pelas regulamentações sociais, sendo estas impostas por forças delimitadoras de possíveis representações subalternas, logicamente com a finalidade de manter esse grupo em sua condição de submissão.

Ainda em âmbito literário, o discurso científico da época (o qual ressalta a hierarquia de raças), em conjunto ao enunciado religioso (o qual configurava a colonização como sinônimo de salvação ao submisso herege) também são veículos propulsores de imposição ideológica.

Para Ania Loomba (1998), em relação ao conhecimento científico e a sua conexão com as operações sociais de poder, as estruturas de pensamento criam um discurso que constrói uma realidade social e, conseqüentemente, literária tendenciosa em termos de gênero e raça, postulando com rigor científico a inferioridade intelectual de mulheres e negros. Ainda, Loomba (1998) ressalta como o pensamento ideológico a respeito dessa cientificidade buscava mostrar como as características biológicas de um grupo, tais como massa cefálica, formato cerebral e demais aspectos corporais, seriam determinantes às suas atitudes sociais e psicológicas.

Dito isso, faz-se notável, assim como para Said (2011), que as manifestações de imposição e controle imperial moldam-se, principalmente, por meio da escrita. Mesmo com a perda parcial de poder em instâncias econômicas e políticas, a Inglaterra ainda mantém instaurada a sua hegemonia cultural como forma de opressão colonial. Com isso, torna-se notável que a história dos nativos acaba por ser reescrita em função a história imperial e, é por esse mesmo motivo que os escritos pós-coloniais são regados, segundo Said (2011), por um passado visto como fonte de experiência. Deste modo, todo esse processo de resistência de caráter ideológico denominado, também, por Said (2011), como um processo de reinscrição, onde o sujeito subalterno busca encontrar um lugar para si nos moldes culturais imperiais, resultará em um desenvolvimento de autoconsciência, questionando a sua subordinação. Homi Bhabha (1998) complementa esse raciocínio crendo em “um processo pelo qual outros objetificados possam ser transformados em sujeitos de sua história e de sua experiência” (BHABHA, 1998, p. 248).

Considerando o pressuposto, há estudiosos que apontam outro veículo condutor de ideologia: a linguagem. Assim como no âmbito literário, se estabelece um padrão por aqueles que falam a língua nativa da rainha, atribuindo insignificância cultural ao sujeito que profere variações que não estejam no mesmo grupo linguístico exigido pela supremacia branca. Com isso, torna-se perceptível que a ideologia colonial transcende o físico, pois não se faz necessária a presença eurocentrista em território colonizado para a estrutura de poder seja mantida.

De acordo com Ashcroft et al. (2004), o sistema educacional colonial interferiu significativamente no conhecimento do “ser” colonizado, pois, ao desprezá-lo, desprezava também todo o complemento político, cultural, social, a ponto de o sujeito subalterno reconhecer apenas os aspectos do colonizador e passar a compreender a sua realidade por meio destes. Os autores Ashcroft et al. (2004) estruturam uma importante distinção entre o Inglês, este referenciado com letra maiúscula, o qual representa o sistema linguístico proferido apenas pelos sujeitos que detinham o poder; e o inglês com grafia em minúsculo, o qual era composto

pelas inúmeras variações da língua, proferido, claramente, pelos povos colonizados. Essa apropriação do Inglês e o seu processo de moldagem social, originou uma “outra língua”, capaz de romper com a imposição poderio, pois, se é através da língua que a imposição ocorre, será por meio da língua que a resistência se dará.

A língua inglesa carrega marcas escravocratas devida à imposição dada pelos comerciantes de escravos aos subalternos do regime, onde esses eram obrigados a aprender a língua nativa para facilitar a sua comercialização. Em contrapartida, Bonnici (2000) atribui ao termo ab-rogação “o significado de recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras” (BONNICI, 2000, p. 19). Para Bonnici, a ab-rogação seria parte de processo de descolonização do idioma europeu, visto que o colonizado se apropria do idioma do colonizador fazendo com que esse idioma carregue o peso de sua cultura e idioma marginalizados (ASCHCROFT et al., 2004).

Essa transformação da linguagem, tornando-a própria do colonizado, é uma maneira de resgate identitário, onde o sujeito passa a reconhecer-se culturalmente, abarcando a experiência do colonialismo com o objetivo de romper com imposições estéticas e sociais, subvertendo as formações culturais imperiais. Bonnici (2005) defende que essa subversão da língua colonial através de um código linguístico próprio permite ao colonizado encontrar uma nova voz que o possibilita não somente falar, mas ser ouvido. A própria língua passa a ser fragmentada e originada através de influências, sejam elas marcadas por um contexto nativo, colonial ou Pós-colonial.

Todos esses eixos aqui conceituados resultam e interferem na conceitualização do que seria, afinal, a identidade de um sujeito norte-americano Pós-colonial. Claramente, torna-se perceptível que não haverá uma singularidade de influências culturais, políticas, sociais para que se possa atribuir ao indivíduo uma única face identitária. Logo, esses múltiplos aspectos desencadeiam, conforme explana Stuart Hall (2019), uma “perda de um ‘sentido de si’” (HALL, 2019, p.10). Essa perda é consequência de um conflito mental que as várias influências sociais estimulam, originando assim o que Du Bois (1999) chama de “dupla consciência”:

É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a olhar com os olhos dos outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroce. (DU BOIS, 1999, p. 54).

Esses aspectos identitários fragmentados influenciaram fortemente o modo como o negro se via. “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise identitária (HALL, 2019, p.10). A imposição dos valores eurocentristas, os quais viam o negro como uma ferramenta braçal, eram traspostos fortemente aos negros de tal modo que estes também passaram a olhar para si e para o seu corpo como uma mera fonte de trabalho, nada mais. Ao receber sua liberdade que fora comprada por meio de serviços escravistas prestados por seu filho mais novo, Baby Suggs passa por um processo de reconhecimento identitário: “Mas, de repente, viu suas mãos e pensou com clareza tão simples como surpreendente: estas mãos me pertencem; são *minhas* mãos. Em seguida, sentiu uma batida no peito e descobriu uma outra coisa nova: o bater de seu próprio coração” (MORRISON, 2007, p. 194). A riqueza com que esses vocábulos são minuciosamente escolhidos, são equivalentes a importância histórica que esse reconhecimento identitário possui aos estudos Pós-coloniais.

À Baby Suggs, Morrison deposita a maestria do ativismo e a responsabilidade em fazer o negro olhar a si com amor, tocar suas cicatrizes, suas mãos, os seus pés, e amá-los:

‘Aqui’, dizia ela, ‘aqui neste lugar, nós somos carne; carne que chora, ri; carne que dança descalça na relva. Amem isso. Amem forte. Lá fora não amam a sua carne. Desprezam a sua carne. Não amam seus olhos; são capazes de arrancar fora os seus olhos. Como também não amam a pele de suas costas. Lá eles descem o chicote nela. E, ah, meu povo, eles não amam as suas mãos. Essas que eles só usam, amarram, prendem, cortam fora e deixam vazias. Amem suas mãos! Amem. Levantem e beijem suas mãos. Toquem outros com elas, toquem uma na outra, esfreguem no rosto, porque eles não amam isso também. Vocês têm de amar, vocês! E não, eles não amam a sua boca. Lá, lá fora, eles vão cuidar de quebrar sua boca e quebrar de novo. O que sai de sua boca eles não vão ouvir. [...] O fígado escuro, escuro – amem, amem e o bater do batente do coração, amem também. Mais que olhos e pés. Mais que pulmões que ainda vão ter de respirar ar livre. Mais que teu útero guardador da vida e suas partes doadoras de vida, me escutem bem, amem seu coração.’ (MORRISON, 2007, p. 136).

Esse discurso proferido pela personagem é a mais doce e dolorida representatividade do Pós-Colonialismo presente na obra *Amada*. Esse incentivo pelo autoconhecimento é a essência da busca por saber, afinal, quem és, além das senzalas, e compreender-se como um ser inserido, no que chamaria Bhabha (1998), no terceiro espaço (*in-between*). Por terceiro espaço, entende-se o “entre meios” de modo figurativo: o sujeito possui a carga cultural de sua terra nativa e, sob influência colonial, passa a internalizar aspectos específicos dos colonizadores. Com isso, o indivíduo passa a pertencer a um terceiro espaço, visto que já não pode mais pertencer de modo inato à uma única cultura.

Ainda, essa representatividade aparece nas primícias da obra, quando Baby Suggs diz sentir sede de cor: “Seu passado tinha sido igual a seu presente, intolerável – e, como ela sabia que a morte não era nada além de esquecimento, usou a pouca energia que lhe restava para ponderar sobre cor” (MORRISON, 2007, p. 18). Esse “apetite” por cores pode ser compreendido como uma saudade de suas antigas origens (visto que a cultura africana é facilmente identificada pelos tons quentes e vibrantes) e pelo anseio de sentir-se viva, considerando que a escravidão a matava lentamente, tanto física quanto psicologicamente. Logo, essa saudade se dá devido às influências escravistas e coloniais das quais Baby Suggs sofrerá. Influências estas que intervíram diretamente e agressivamente em sua construção identitária já estabelecida.

Em *Amada*, as personagens transitam entre as marcas deixadas por um passado cruel e desumano; uma realidade fragmentada, desorientada... e um futuro sem expectativa: “Vida escrava; vida libertada – cada dia era um teste e uma prova” (MORRISON, 2007, p. 340). Mesmo após a abolição escravocrata, a subalternidade imposta ainda assombrava o povo negro. Só lhe era permitido o convívio social se os negros tivessem nota de seu “devido lugar”, ou seja, a margem da sociedade. Como forma de legitimação de poder, associações secretas da supremacia branca perseguiram negros com o objetivo de mutilá-los e estuprá-los. Não havia restrições, o pré-requisito era a cor da pele:

Negro eliminados de cidades inteiras; oitenta e sete linchamentos em apenas um ano em Kentucky; quatro escolas de pretos queimadas até o chão; homens adultos chicoteados como crianças; crianças chicoteadas como adultos; mulheres negras estupradas pela multidão; propriedade tomadas, pescoços quebrados (MORRISON, 2007, p. 242).

As condições de trabalho ainda eram de exploração braçal, sem maiores exigências intelectuais para sua execução. Além do precário ambiente, por vezes insalubre, onde executavam suas atividades, estavam presos a um sistema como meras peças de engrenagem:

Eram três da tarde de uma sexta-feira tão úmida e quente que o fedor de Cincinnati tinha viajado até o campo: do canal da carne pendurada e das coisas apodrecendo em frascos; dos pequenos animais mortos nos campos, dos esgotos e fábricas da cidade. O fedor, o calor, a umidade – o diabo sempre faz notar sua presença. Não fosse por isso, parecia quase um dia de trabalho comum. Elas podiam estar indo lavar roupas no orfanato ou no rio manicômio; descascar milho no moinho; ou limpar peixe, lavar tripas, cuidar de bebês brancos, varrer lojas raspar pele de porco, prensar banha, empacotar salsichas ou se esconder em cozinhas de tavernas para a gente branca não ter de vê-las quando manipulavam sua comida. (MORRISON, 2007, p. 341-342).

A doce ilusão de uma realidade liberta era o que alimentava a fé dos segregados. Ser, de fato, livre, longe das senzalas, dos linchamentos, do preconceito, do racismo, entre outros meios de punição, era algo que transcendia qualquer riqueza monetária. Era a libertação da essência escrava em poder Ser indivíduo em seu singular e no coletivo entre os seus:

Sethe tinha vivido então vinte e oito dias – o trajeto de uma lua inteira – de vida não escrava. Da saliva clara que sua filha babara em seu rosto até seu sangue oleoso fora vinte e oito dias. Dias de cura, facilidade e conversa de verdade. Dias de companhia: de saber os nomes de quarenta, cinquenta outros negros, suas ideias, seus hábitos; onde tinham estado e o que tinham feito; de sentir a alegria e a tristeza deles junto à dela, que deixavam tudo melhor. Uma lhe ensinou o alfabeto; outra, um ponto. Todos lhe ensinaram como era acordar de manhã e *escolher* o que fazer do dia. (MORRISON, 2007, p. 134).

Ao contrário do que Sethe acreditava, que “o futuro era uma questão de manter o passado à distância” (MORRISON, 2007, p. 69), o futuro é, na realidade, resultante do passado e da forma que você lida com ele em seu presente. Fora por essa razão que o sobrenatural começou a se manifestar na velha casa onde Sethe residia. O fantasma de Amada torna-se simbologia do passado que a personagem tanto queria esquecer. Com a presença do espectro, Sethe pode compreender que as marcas escravocratas, por mais dolorosas que pudessem ser, eram parte de uma fragmentação que a compunha enquanto mulher, negra e mãe; e, somente poderia seguir sua vida enquanto mulher, negra e livre, se aceitasse e compreendesse que a escravidão faz parte de si.

Com base neste pressuposto, compreende-se que as teorias pós-coloniais surgem para dar voz ao negro segregado, mostrando, criticamente, às várias faces de uma história marcada pela imposição eurocentrista. No entanto, para que o sujeito possa manifestar-se sobre sua própria história, faz-se preciso compreender seu papel em âmbito escravocrata, ou seja, aceitar que, por mais que as lembranças tragam o aterrorizante estralo do açoite, é necessário aceitar que isso faz parte da sua fragmentação identitária e o compõe enquanto indivíduo.

2.2 Representação do Feminino em *Amada* – Marcas Identitárias

O surgimento da crítica feminista foi um grande marco em âmbito literário. No entanto, na década de 1990, nesta ideologia feminina fora identificado aspectos que concerniam apenas com a realidade da mulher branca pertencente a classe média, desprezando os demais perfis existentes. Com base neste contexto de época, bell hooks (1997), ao ressaltar a necessidade de uma solidariedade política entre mulheres no âmbito feminista, desvela as primícias desse movimento que se curva diante a um único perfil ideal de mulher, desprezando qualquer outro

aspecto social correlacionado ao racismo ou privilégios sociais. Fora por meio dessas atitudes exclusivas que as próprias “ativistas”, em sua condição de inclusas a ideologia de supremacia branca, passaram a adotar o papel de opressor:

Lembro-me de quando mulheres feministas, principalmente as brancas com privilégios de classe, debatiam se deveriam ou não contratar ajuda para trabalhos domésticos, tentando criar maneira de não participar da subordinação e da desumanização de mulheres menos favorecidas. (HOOKS, 2019, p. 37).

Para hooks, o pressuposto inicial do feminismo, o qual almejava reunir pele com pele, raça com raça, ideologia com ideologia, na realidade tornou-se um belo exemplo farsante, de modo que ele não apenas oculta as variadas e complexas experiências femininas como também contribui para a vitimização da mulher. Neste contexto, Chandra Talpade Mohanty (1998) compartilha das reflexões de bell hooks a respeito das primeiras formas como as teorias ocidentais feministas organizaram-se, tendo como suposto objetivo olhar a mulher como parte de uma categoria universal, singular e subjetiva, o que independe de sua classe social, raça ou etnia.

Quando Spivak afirma que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67), a escritora busca ressaltar a suma importância da crítica colonial atentar-se à mulher para que assim seja possível compreender as diferentes formas de opressões sofridas pelas várias faces do sujeito em sua condição de colonizado. No entanto, Spivak também questiona os princípios estabelecidos pela crítica feminista, pois, aos olhos da escritora, não seria solução “a inclusão positivista de uma coletividade monolítica de ‘mulheres’ na lista de oprimidos cuja subjetividade inquebrantável lhes permita falar por si mesmas contra um ‘mesmo sistema’ igualmente monolítico” (SPIVAK, 2010, p. 40). Faz-se preciso considerar o plural e não o singular feminino, tornando evidente as peculiaridades de um grupo em seu coletivo.

Desta forma, Spivak compreende que ambas as teorias, tanto a feminista quanto a pós-colonial, não podem ser analisadas sem antes correlaciona-las, pois são dependentes uma da outra, considerando os eixos que as duas trazem para debate. Quanto ao questionamento de Spivak (2010) “Pode o subalterno falar”? Gandhi (1998) explana a respeito do desafio que se instaurou para estudiosos ocidentais, pois estes não poderiam desconsiderar os aspectos relacionados a raça, classe e gênero, os quais recondicionam a subalternidade dos povos.

Com base nos estudos de Leela Gandhi (1998), as teorias feministas e pós-colonialistas se assemelham pelo enfoque ao estudo do “Outro” imposto em estruturas repressivas. Lutar por essa subversão possibilita a reconfiguração da realidade epistêmica e, conseqüentemente, resulta em uma ruptura com o ideal imposto: superioridade no centro e inferioridade a margem. Anne McClintock (1995) elucida a respeito da visão do império, o qual impunha valores morais, sexuais e, até mesmo, sanitários, às mulheres. Estas condutas comportamentais eram essenciais para que a manutenção imperial mantivesse um fluxo funcional.

A condição subalterna atribuída à mulher era vista como algo imposto pela natureza humana. Logo, a inferioridade desse gênero é algo dado e imutável. O sexo frágil foi culturalmente imposto através deste “amparo” biológico que o discurso literário científico da época propagava. O estereótipo feminino tido por ideal (mulher branca pura, recatada e maternal) era um padrão impossível de ser seguido pela mulher colonizada, o que servia apenas para evidenciar a tamanha superioridade entre ambos os polos. Esta discrepância era intencionalmente propagada pelo império. Logo, compreende-se que o gênero é um aspecto chave para a manutenção dos valores coloniais, assim como afirma McClintock:

O imperialismo não pode ser compreendido sem uma teoria de gênero. O poder do gênero não era a impressão superficial do império, um efêmero brilho diante dos mais decisivos mecanismos de classe ou raça. Ao contrário, as dinâmicas de gênero foram, desde o princípio, fundamentais para a defesa e manutenção do empreendimento imperial. (MCCLINTOCK, 1995, p. 6-7).

Com isso, nota-se que as relações de gênero jamais poderão generalizar as mulheres como um corpo singular. Pois, as variáveis sociais terão de ser consideradas para que assim seja possível tratar as diferentes formas de opressão. Ainda, os reflexos de um sistema repressivo jamais afetarão igualmente uma mulher e um homem na mesma intensidade e proporção, pois estes ocupam lugares diferentes e vivenciam formas igualmente distintas de subjugação. Conforme os pensamentos de Mohanty (1998) e hooks (1997) há um perigo implícito quando há uma abordagem crítica a qual privilegia apenas um gênero em específico, isso pode acarretar em valores a-históricos e a-políticos.

Como complemento, Eagleton (1996) afirma que mulheres homossexuais e negras se posicionaram contra a iniciativa das mulheres heterossexuais e brancas em estabelecer uma tradição literária feminina, pois estas revelam-se tão excludentes quanto as tradições hegemonicamente masculinas. Deste modo, a escassa presença da figura negra feminina na extensão dos exemplares em língua inglesa é resultado de uma segregação discursiva. Os poucos escritos que abordam esta temática, ocasionalmente, são referenciados ao longo da

construção argumentativa de escritores brancos, influenciados pelo imaginário masculino eurodescendente e pela sociedade patriarcal, sexista e racista da época. Com isso nascem os estereótipos literários que atribuem às mulheres afrodescendentes valores pejorativos, classificando-as como a mulata sensual e fogosa ou a negra abnegada e submissa.

Para Bonicci (2000), os estudos pós-coloniais e feministas foram hábeis ao notarem que o valor atribuído aos escritos da época não considerava a estética ou o conteúdo. Levava-se em consideração apenas a relação de poder de quem os escrevia. Logo, a consistência dessas informações redigidas não era validada. Com isso, nota-se o papel fundamental que a reescrita possui para compreender os sujeitos inseridos nesse sistema. A reinterpretção textual dessas produções poderá esclarecer os efeitos do processo de colonização e, então, desconstruir os discursos alienados tidos por única verdade absoluta.

Compreende-se por reescrita a seleção de obras canônicas (exemplos natos de propagação ideológica colonial), reproduzidas através de uma outra perspectiva. Deste modo, desenvolve-se uma subversão do cânone literário e dos valores que este perpetua. Para Bonnici (2009), este processo pode ser considerado como um método estratégico de descolonização, visto como um “processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos” (BONNICI, 2009, p. 272). Com isso, vale ressaltar, assim como defende Ashcroft et al. (2004), que os cânones não são meramente um emaranhado de textos, mas sim um conjunto de ações que representam uma estrutura institucional. Por essa razão, a subversão dos cânones é considerada uma tomada de consciência crítica e moral.

Para Susana Funck (2011), essa reconstrução representativa assume um sentido complexo, visto que o novo discurso estruturado passa a construir novas interpretações identitárias e novas relações de poder. Neste âmbito, Hall (2019) afirma que as identidades, sejam elas nacionais (coletivas) ou individuais (singulares) podem ser (trans)formadas a partir de suas formas de representatividade.

É com base nesta busca por representatividade que as mulheres negras emergem no âmbito literário como representantes fiéis ao seu povo, evocando tamanha autoridade como representantes étnicas da figura feminina norte-americana. Alice Walker, por exemplo, foi uma das principais precursoras da crítica negra feminista na década de 1970. Por meio de *The Color Purple* (1982), Walker, similarmente a Morrison, lança um olhar crítico às dimensões sociais voltadas à opressão da mulher afrodescendente e relata as reais atrocidades infligidas pela supremacia branca, atribuindo ao discurso da mulher um empoderamento feminino:

Indo além, dou-lhes minha palavra de que não cessarei de lutar por e com vocês, de pensar e trabalhar para o bem-estar de vocês, mulheres de cor, constantemente. E isso sempre me trará alegria e liberdade. E que sobre vocês eu afirmarei a força de caráter onde quer que eu esteja. A lendária lealdade e devoção. Honrarei a beleza de vocês, e acreditarei em vocês, sem reservas. Sei, por experiência própria, o quão boas vocês são, e que é a presença de vocês que torna este mundo melhor. Amo vocês. (WALKER, 1997, p. 106-7).

A representação da figura feminina afro-americana até então fora silenciada pela hegemonia patriarcal. A personagem negra, por exemplo, antes ancorada em seu passado escravocrata, representada, através de um olhar eurocentrista masculino, apenas como mero objeto de procriação ou de satisfação sexual, passou a ganhar voz. Uma voz de autoridade, propagada por escritoras afrodescendentes. Toni Morrison surge como uma representante natural da figura feminina afro-americana, rompendo com a propagação ideológica repressiva literária ao estruturar um posicionamento crítico e fiel à real posição social do negro. *Amada*, por exemplo, ultrapassa os limites do corpo e atinge a alma negra, valorando não apenas as marcas deixadas na pele por heranças escravocratas, mas a capacidade da mulher afro-americana em reerguer-se, tanto fisicamente quanto psicologicamente.

A figura feminina afro-americana sofria um duplo preconceito biológico. Além do repúdio da burguesia quanto à cor de sua pele, o fato de ser mulher agravava ainda mais o preconceito social imposto. “‘Olhe ali. Uma negra. Que coisa mais incrível.’ [...] ‘Você é a coisa mais assustadora que já vi’” (MORRISON, 2007, p.55). Submetidas a todas as possíveis violações, as escravas eram açoitadas, estupradas e obrigadas a servirem, sem hesitar. Morrison delata, por meio de Sethe, este cruel período. “A imagem dos homens vindo para mamar nela era tão sem vida quanto os nervos de suas costas onde a pele era ondulada como uma tábua de lavar roupa” (MORRISON, 2007, p.21). Desprezando sua condição materna, capatazes violaram seu corpo, beberam de seu leite e a açoitaram mesmo grávida. A lembrança deste ato torna-se constante no romance, o que faz crer o quanto marcou Sethe.

As atrocidades cometidas no período escravocrata e pós-colonial servem de impulsionamento a mulher negra para que esta seja forte e inabalável. Ao contrário do que impunha os valores eurocêntricos, onde a mulher branca precisava ser frágil, pura e dependente. O empoderamento de Sethe torna-se evidente ao proferir: “Eu consegui. Tirei todos de lá. E sem o Halle. [...] Eu fiz isso. Tive ajuda, claro, muita ajuda, mas mesmo assim fui eu que fiz; eu que disse *Vamos lá e Agora*”. O fato de Sethe ter sido a única escrava dentre os quatro homens que iriam fugir da Doce Lar a conseguir chegar ao seu destino traçado, e grávida, também pode ser compreendido como uma espécie de simbologia a resistência feminina. [...] que depois de seu marido ter desaparecido; que depois de seu leite ter sido roubado, suas costas

dilaceradas, seus filhos ficado órfãos, ela não haveria de ter uma morte fácil. Não.” (MORRISON, 2007, p54).

Torna-se claro que o amor maternal impulsionou Sethe a continuar. Neste aspecto, faz-se preciso pensar que os filhos de Sethe eram todos de Halle, seu marido, quem tanto tinha apresso. Essa relação sentimental entre mãe e filhos em período escravocrata se dá justamente pela forma que estes foram concebidos: com amor. E, é justamente por esse mesmo motivo que a violação do seu corpo a repudia tanto, pois tocaram em seu alimento materno “Ninguém nunca mais vai receber meu leite a não ser meus próprios filhos. Nunca tive de dar meu leite para ninguém mais – e da única vez que dei foi tirado de mim, eles me seguraram e tiraram. Leite que era da minha bebê” (MORRISON, 2007, p.268).

Por mais que Sethe tivesse consciência que as mulheres em regime escravo não poderiam amar suas filiações, em seus filhos ela depositava todas as forças que tinha para protegê-los da escravidão, dos açoites, dos estupros, da exploração, da violação, seja ela mental ou física. Se vendo incapaz de lutar contra o sistema opressor, o seu amor maternal impulsionou-a ao infanticídio. Ato esse símbolo de resistência escravocrata “[...] o que era preciso para passar os dentes daquela serra debaixo do queixinho; sentir o sangue do bebê jorrar como petróleo em suas mãos; segurar o rosto para que a cabeça continuasse no lugar; apertá-la para poder absorver ainda os espasmos da morte [...]” (MORRISON, 2007, p. 333)

Essa consciência em ter de amar pequeno, com cuidado, Sethe reconhecia. No entanto, ao sair das terras da Doce Lar, Sethe permitiu-se amar os filhos, pois agora eram seus e não mais de um sistema patriarcal. Compreendia que a liberdade não era ideológica, mas parcialmente física e ilusória. Almejava que seus filhos pudessem viver em condições menos cruéis comparadas as que vivera, e seu tamanho afeto a cegará, fazendo-a crer que realmente, em meio a Guerra Civil, isso seria possível “Ela não tem tanto medo da noite porque é dar cor da noite, mas de dia cada som é um tiro ou o passo silencioso de um rastreador”. (MORRISON, 2007, p. 113).

Dez minutos, fora o tempo que precisou copular com o coveiro em meio às lapides para ter escrito em cima do túmulo de sua filha a palavra que ouvirá do pregador durante o enterro: “Amada”. A repressão ideológica era tanta que o indivíduo compreendia a sua condição enquanto objeto de trabalho ou de satisfação sexual.

As marcas deixadas em seu corpo enquanto escrava, enquanto mulher, enquanto mãe, e as rupturas que isso ocasionará em sua alma fragmentada por uma identidade corrompida, imposta, a qual não lhe parecia pertencer, moldavam mulheres empoderadas e anestesiadas, onde a dor física já não lhe doía tanto, onde a tortura já era suportável: “[...] antes de enforcarem

ela e me deixarem sozinha. Sabe de uma coisa? Botaram o ferro nela tantas vezes que ela sorria” (MORRISON, 2007, p. 273).

A pele morta nas costas de Sethe representa uma ferida que transcende a carne física do corpo e atinge a essência de uma escrava. A árvore que fora “desenhada” em sua pele é feita a mão, com o auxílio de um açoite. Por mais que esteja cicatrizada, quanto tocada, ela dói tanto quanto fora recém-aberta “É uma árvore, Lu. Uma árvore de arônia. Está vendo, aqui o tronco – é vermelho e bem aberto, cheio de seiva [...] Folha também, parece, e quero me danar se isto aqui não são botões. Uns botõeszinhos de cereja, bem brancos.” (MORRISON, 2007, p.115)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, buscou-se compreender a crise identitária que fora ocasionada pelo regime escravocrata, verificando não apenas ao contexto histórico no qual esse estava inserido, mas instigando uma possível reflexão diante da memória da escravidão, sobre como as relações de segregação contra os negros, especialmente contra mulheres negras, ainda são refletidas na sociedade atual. Manchas de grupos de ultradireita, neonazistas e defensores da supremacia branca são apenas uma pequena parcela diante das atrocidades que ainda precisam ser defrontadas.

A mensagem que prevalece é a de que mesmo que o regime escravocrata tenha desolado os negros e desumanizado os brancos, a esperança de reescrever um futuro melhor mantém-se viva. Por mais doloridas que sejam as heranças e marcas do passado, faz-se necessário recordarmos a história do povo negro, para que assim possamos entender o seu presente, reconhecendo que essas marcas são pilares que compõem sua própria identidade. *Amada* representa um pouco da dor deixada pela escravidão no peito combatente de cada submisso, mesmo aqueles alforriados representam a redenção e o renascimento – o ressurgimento das cinzas. Pois, ao levarmos em consideração que, por mais que a abolição escravocrata tenha repercutido como forma de liberdade ao negro, o corpo social mantinha-se subdividido etnicamente, atribuindo o título de superioridade e domínio de um grupo sob o outro. Assim, percebemos a temática predominante – o negro, então livre, ainda era submisso aos seus senhores.

Neste sentido, consideramos que as amargas memórias da escravidão retratadas pela autora por meio das personagens femininas do romance, principalmente por Sethe, Denver e Amada, são uma metáfora do desenvolvimento identitário da mulher negra americana. Dito isso, esta pesquisa analisou a representação pós-colonialista da imagem feminina afro-americana, em *Beloved*, de Tony Morrison, por meio de sua versão traduzida para o português por José Rubens Ribeiro, *Amada* (2007), tomando como base o contexto histórico referenciado pela autora e sua descrição das memórias da cultura negra que se constroem com características pós-coloniais.

Tendo este como o objetivo principal deste trabalho, outras reflexões e estudos foram feitos. Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a literatura americana pecou ao não atribuir a dada importância quanto à representação do africano e de suas influências e contribuições para o crescimento social e cultural do país. Os tempos posteriores ao fim da Guerra Civil permitiram a formulação de diversas versões sobre a era escravocrata. No entanto, a

predominante concepção geralmente enfatiza as dos senhores das fazendas. Neste sentido, Toni Morrison surge como uma representante leal à oposição. *Amada*, por exemplo, em contrapartida ao regime, retira o véu o qual cobrirá as marcas de um passado escravocrata e toca em feridas ainda abertas, as quais acreditamos que demorarão a cicatrizar-se. Feridas que penetraram além da sétima camada de pele, atingindo impiedosamente a alma do povo negro.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. In: **TED Ideas Worth Spreading**. (Vídeo) Trad. Goreti Araújo. Nova York, 2009. Disponível em: <www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 19 jun. 2019.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **O legado da rememoração**: traços e vestígios memoriais nas américas. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2013000100005>>. Acesso em 16 mai. 2019.
- ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H., eds. **The Empire Writes Back**: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures. London: Routledge, 2004.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BERTENS, Hans; NATOLI, Joseph. **Postmodernism: The Key Figures**. New York: Blackwell Publishing, 2002.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá: EDUEM - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.
- _____. **Fundamentum 12**: conceitos-chave da teoria pós-colonial. Maringá: EDUEM - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005.
- _____. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana, Orgs. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª Ed. Maringá: EDUEM – Editora da Universidade Federal de Maringá, 2009.
- BORGES, Anderson. Escovar a história a contrapelo: uma reflexão sobre história e literatura em *Beloved*, de Toni Morrison. In: **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 1-11, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3744/3707>>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- BLOOM, Harold. **Modern Critical Views**: Toni Morrison. New York: Chelsea House, 2005.
- CLEMONS, Walter. The ghosts of “sixty million and more”. In: SOLOMON, Barbara H. **Critical Essays on Toni Morrison’s *Beloved***. Nova York: G. K. Hall, 1998.
- DU BOIS, Willian Edward Burghardt. **As almas da gente negra**. Trad. de Clarissa F. do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- EAGLETON, Mary. **Feminist literary theory**: a reader. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1996.
- FRANTZ, Fanon. **Black skins, white masks**. Trad. de Charles Lam Markmann. London: Pluto Press, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5ª edição. Ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUNCK, Susana Bornéo. **Corpos colonizados, leituras feministas**. In: HARRIS, Leila Assunção (Org.). **A voz e o olhar do outro**. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2011.

GANDHI, Leela. **Postcolonial theory: a critical introduction**. Allen & Unwin: St. Leonards, N.S.W, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HACKNEY, Sheldon. **I Come From People Who Sang All Time: A Conversation With Toni Morrison**. 1996. In: DENARD, Carolyn (Org.). **Toni Morrison: Conversations**. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.

HOOKS, bell. **Sisterhood: political solidarity between women**. In: McClintock, Anne et al., eds. **Dangerous Liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives**. Minneapolis: U of Minnesota P, 1997.

_____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. de Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOUSTON, Pam. **Pam Houston Talks With Toni Morrison**, 2005. In: DENARD, Carolyn (org.). **Toni Morrison: Conversations**. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.

KING, Martin Luther. **Eu tenho um sonho...** In: **Revista Prosa, Verso e Arte**. Seção Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro, Santa Catarina, s/d. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/eu-tenho-um-sonho-martin-luther-king/>>. Acesso em: 28 out. 2018.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/postcolonialism**. New York: Routledge, 1998.

MORRISON, Toni. **Amada**. Trad. de José Rubens Siqueira 1. ed. São Paulo: Schwarcz S.A, 2007.

_____. **Rootedness: The Ancestor as Foundation**, 1984. In: DENARD, Carolyn C. (org.). **What Moves at the Margin: Selected Non-Fiction**. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.

_____. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. New York: Vintage Books, 1993.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses**. In: **Feminist Review No. 30** (Autumn), Palgrave Macmillan Journals, 1998.

McCLINTOCK, Anne. **Imperial Leather**: race, gender and sexuality in the colonial contest. New York: Routledge, 1995.

NABUCO, Carolina. **Retrato dos Estados Unidos à Luz da sua Literatura**. -2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NICKEL, Vivian. **Corpo e memória em Beloved, de Toni Morrison**. 2009. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22057/000738673.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

PÉREZ-ORAMAS, Luis. 30 bienal (entrevista) Homi Bhabha. (Vídeo). In: **30ª Bienal de São Paulo – A Iminência das Poéticas**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/exposicoes/30bienal/videos/3512>>. Acesso em: 28 out. 2018.

PINTO, Marcela de Araújo. **A revisão de perspectivas históricas em *Beloved* (1987), de Toni Morrison, e *Desmundo* (1996), de Ana Miranda**. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – IBILCE, Universidade Estadual de São Paulo. São José do Rio Preto, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99138>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

RUSHDIE, Salman. **Na Interview With Toni Morrison**, 1992. In: DENARD, Carolyn (org.). **Toni Morrison: Conversations**. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. de Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Panorama da literatura dos EUA**, 1997. Disponível em: <<http://www.america.gov>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

VIEIRA, Wellington Neves. **A Relação Espaço e Biodiversidade Segundo a Visão das Comunidades Negras dos EUA em Amada, de Toni Morrison**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação – DEDC II, Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2014. Disponível em: <<https://doc.academicoo.com/user/Wellington.nevieira/wellington-neves-vieira.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

WALKER, Alice. **Anything we love can be saved**: a writer's activism. New York: The Random House Publishing Group, 1997.

ZIA, Jaffrey. “The Salon Interview with Toni Morrison”. In: **Salon**. Seção Culture. New York, 1998. Disponível em: <https://www.salon.com/1998/02/02/cov_si_02int/>. Acesso em: 12 jun. 2019.